

DF - creche

ADEUS, MENINOS

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

— **T**ia, a senhora
vai me dar
mesmo o
brinquedo?

— É claro. Eu não lhe prometi?

O menino mirradinho segura o braço da tia. Ri com a resposta positiva. Ele confia nela. Confia tanto que é até capaz de acreditar que a tia bondosa também possa impedir que eles saiam dali. Ledo engano. A tia bondosa não tem tantos poderes. Até queria ter. Ele e mais outras 197 crianças estão com os dias contados. Angustiante contagem.

A creche Ação Social Paula Frassinetti — ligada à ordem das irmãs Dorotéias — foi intimada pelo Instituto de Ecologia e Meio Ambiente do Distrito Federal (Iema) a desocupar a área que ocupa na 911 Norte. Mais: além do comunicado de desocupação — com prazo de 180 dias a contar de 1º fevereiro —, o Iema ainda impôs um Termo de Compromisso com oito condições.

Entre outras coisas, a direção da creche terá de “apresentar um Plano de Recuperação da Área Degradada (Prad) no prazo de 30 dias após a desocupação”. Não pára por aí: “O Instituto não se responsabilizará por quaisquer remoções ou destinação de terrenos para novas instalações da entidade, como também não efetuará indenizações a qualquer tipo”.

Mais: “Não serão aceitos pelo lema, a qualquer pretexto, solicitações para prorrogação do presente termo por parte da entidade”. O documento, de três laudas, foi assinado pelo diretor-geral do lema, Fernando Oliveira Fonseca, de 47 anos.

Serão 198 crianças sem ter para onde ir. Meninos e meninas carentes, filhos de empregadas domésticas e mãe solteiras que, sem opção, muito provavelmente acabarão nas ruas. Como tantos outros. O endereço é conhecido.

Mas o que tem a ver a creche das irmãs Dorotéias com o lema? Tudo. A Instituição filantrópica ocupa — oficialmente — há 12 anos uma área que faz parte do Parque Ecológico Norte. Desde julho de 1998, a área passou a ser chamada, por decreto, de Parque Ecológico Burle Marx.

Só que o parque, no entanto, nunca saiu do papel. Tudo que existe, até agora, são esboços no Plano Diretor Local para a ocupação da área de 175 hectares. Só para ser ter idéia do tamanho que isso representa, a área (que teria função e destino semelhante ao Parque da Cidade) ocupa uma extensão que vai do Autódromo Nelson Piquet até o final da Asa Norte.

A creche que incomoda o governo fica na 911, atrás da Colégio Santa Dorotéia, e usa modestos 7.500 metros quadrados. “O projeto não prevê creche na área”, insiste Fonseca, do Iema. A diretora da creche, irmã Dulce Maria

Fotos: Jefferson Rudy



A creche das irmãs Dorotéias está na 911 Norte há 12 anos, com autorização da Terracap, e atende a 198 crianças, mas terá que sair

de Miranda Lobato, de 54 anos, lamenta: “Vamos ser obrigados a fechar nossas portas e mandar nossas crianças embora. Estamos falando de vidas”.

SONHO DE MADRE

Em 1972, a madre Angelina Machado, fundadora da creche, começou a receber as primeiras crianças naquele terreno baldio e cheio de mato. Detalhe: eram

filhos de invasores que moravam em barracos pelas redondezas. Em 1988, a primeira concessão de uso da área pela Terracap. Só havia uma restrição: nada de alvenaria.

Trato feito. As irmãs Dorotéias ergueram paredes de madeirite. Pintaram de verde. Construíram parquinho. Conseguiram, junto à Administração Regional de Brasília, alvará de funcionamento para

a creche. E firmaram convênio com a Fundação do Serviço Social (FSS). Convênio, aliás, que só atende a 90 crianças. As outras são mantidas por meio de doação de empresários e da comunidade em geral.

O sonho de madre Angelina tomou forma. Vieram crianças dos mais distantes lugares. Até do Entorno. De Planaltina, Varjão, Ceilândia a Cidade Ocidental. A cre-

che montou a pré-escola. Passou a atender meninos e meninas de 2 a 6 anos em tempo integral, das 7h às 18h, com cinco refeições.

Os mais velhos, de 7 a 14 anos, estudam em um turno nos Centros de Ensino da Fundação Educacional — cujas vagas são asseguradas pela própria creche, por meio de convênio — e no outro freqüentam aulas de reforço e esportes.

Irmã Dulce e a
ex-aluna
Andréa: luta
para ficar



GOVERNO DESPEJA CRECHE PARA CRIANÇAS CARENTES PORQUE ESTÁ EM ÁREA DE FUTURO PARQUE ECOLÓGICO

No dia 3 de janeiro deste ano, aos 92 anos, madre Angelina morreu. Meses antes já havia chegado a primeira intimação para que desocupasse a área do Parque Ecológico. A religiosa morreu angustiada em saber que o sonho iria, literalmente, virar mato.

“É claro que o parque vai levar algum tempo para ficar pronto”, admite o diretor-geral do Iema. Mas ratifica a decisão do governo em retirar a creche do que um dia pode vir a ser o Parque Burle Marx: “Ninguém, em sua consciência, retiraria a creche dali, ainda mais sabendo da nobreza do trabalho que as irmãs desenvolvem. Mas temos respaldo jurídico e vamos fazer o que a lei determina”.

DOIS PESOS...

A história da retirada da creche da área do Parque — que não tem sequer data para concretizar o projeto — é, no mínimo, curiosa. O mesmo governo que de um lado ordena que, em 180 dias, 198 crianças carentes arrumem suas vidas, de outro tenta criar novos loteamentos em áreas verdes, algumas delas reconhecidamente localizadas em APA (Área de Proteção Ambiental). Onde? No Park Way.

“Eles vão tirar nossos filhos daqui para nada. O mato vai crescer e o povo vai acabar invadindo. É isso que eles querem”, revolta-se uma mãe. Não é difícil comprovar o que ela diz. Basta dar uma volta pela redondeza da creche que se vêem barracos no meio do Parque Burle Marx. Barracos que surgem do dia para a noite. E continuam lá. A famosa invasão do Ceub, na 908 Norte, começou assim.

Edivângela Ferreira de Jesus, de 9 anos, não entende por que terá que sair dali. Órfã de pai e mãe, ela vive com uma tia em Sobradinho. Chegou à Ação Social Paula Frassinetti aos 4 anos. Aprendeu a ler e escrever. Hoje, estuda pela manhã numa escola pública perto dali e à tarde vai para aulas de reforço na creche. Faz natação. Brinca de boneca. E reza numa sala de cimento queimado, ajoelhada perto de Nossa Senhora.

Um dos seis irmãos de Edivângela, que não teve a mesma oportunidade, acabou no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje). Virou menor infrator. “Aqui é minha casa. É o lugar onde mais gosto de ficar”, confessa a menina, encabulada.

É num mundo feito de madeirite, com um parquinho de terra, que 198 crianças vêem o futuro. Foi ali que lhes ensinaram coisas como respeito, verdade e amor ao próximo. Agora, o destino de todas aquelas crianças está ameaçado. Para onde vão? Qual o destino delas? “Eu não quero nem pensar, meu Deus... Só me resta rezar”, resigna-se irmã Dulce, a diretora da instituição.

Agora, talvez só reste mesmo rezar.

SERVIÇO

A Associação dos ex-alunos do Colégio Santa Dorotéia está em campanha pela permanência da creche no local. Quem quiser participar e ter maiores informações entre em contato com Andréa Glória, no telefone 9984-9997, e Maria Tereza — 274-8268 e 319-8122. Telefone da creche — 349-5122